

*Revolução e contra-revolução no Brasil (1500-2019): um livro imprescindível*

[Newsletter do Coletivo Veredas, 2022]

*Revolução e contra-revolução no Brasil (1500-2019)*, de Mario Maestri, foi publicado pela editora FCM/Coleção Coyocan, Porto Alegre, em 2019.

Já houve época, há algumas décadas, que fazia parte do senso comum que apenas a partir do conhecimento de nossa história seria possível elaborar um projeto revolucionário do qual o Brasil fizesse parte. Essa foi a concepção que deu origem ao melhor de nossa historiografia, desde um Caio Prado, passando por Nelson Werneck Sodré, Edgar Carono, Leôncio Basbaun, Otávio Ianni, Florestan Fernandes... e, hoje, Mário Maestri.

Essa tradição foi ofuscada.

Com a democratização do país, com o predomínio destruidor da cultura e do saber peculiar ao pós-modernismo, com o elogio da ignorância que marca a “decadência ideológica da burguesia” (título do conhecido ensaio de Lukács), com a expansão da mentalidade petista como sendo “de esquerda” (com seu “modo peculiar de governar”) – tudo isso somado ao conservadorismo de baixo clero de um Bolsonaro ou Olavo de Carvalho – para citar apenas alguns balizadores – com tudo isso terminou predominando (no que já não é mais esquerda) uma concepção asinina: o passado, porque passado, nada teria a nos dizer sobre o presente e, menos ainda, acerca do futuro. Seria apenas “academicismo” o estudo da história, uma inutilidade para o “fazer da política”. Como se fosse possível moldar o futuro e alterar o presente apenas a partir do que, hoje, pensamos, sentimos e queremos. A questão decisiva (por que o passado nos conduz a pensar desta forma, a termos estes sentimentos e estes desejos?) é simplesmente ignorada. Como se ignorá-la a fizesse desaparecer e, por milagre, esta mesma ignorância nos capacitasse a moldar o futuro e alterar o presente. Como se nossa tragédia atual não tivesse um passado nem um futuro! O presente, para a concepção predominante de nossa autodenominada esquerda, seria tão eterno que jamais deixaria de ser presente. Tudo é pensado no aqui e agora, nos curto e imediato prazos. Ignorar a história não é mero equívoco a ser corrigido com bons conselhos: é um componente ideológico imprescindível do que hoje se pretende esquerda.

O resultado é, quando não trágico, patético.

Entre os petistas e psolistas, para pegar apenas um exemplo, mesmo entre os mais articulados, quando muito se projeta um “desenvolvimentismo” capaz de “promover a soberania nacional” e, ao mesmo tempo e pelos mesmos passos, intensificar nossa articulação com o imperialismo mundial. Como se fosse possível um mundo imperialista em que todos os países fossem imperialistas! Um delírio que equivale, mudando o que deve ser mudado, à proposição de uma sociedade capitalistas em que todos fossem igualmente pequenos burgueses – um ideal da

esquerda jacobina na Revolução Francesa que já era, naqueles idos, um sonho irrealizável. Que hoje, séculos depois e com o capitalismo no seu ocaso, não passa de um delírio.

É contra este vasto tsunami intelectual e ideológico, conservador quando não reacionário, que se levanta Mario Maestri expondo a evolução do Brasil de Cabral (o das caravelas, não o morador dos presídios cariocas) a Bolsonaro. Desconheço qualquer outro texto, das últimas décadas, que trate da totalidade da nossa história com tal fôlego, amplitude, articulação, coerência e profundidade. Ainda: um texto com tais qualidades que adote uma perspectiva, não apenas anticapitalista, mas revolucionária (pois ser anticapitalista não significa, necessariamente, ser revolucionário).

O texto, de fácil leitura, demonstra como a história do Brasil tem, como parte de sua essência, o desenvolvimento de uma burguesia incapaz de ser outra coisa senão um apêndice, um sócio minoritário, do imperialismo. Desde o seu surgimento, o seu desenvolvimento após os anos de 1930 e seu aperfeiçoamento entre os anos da Ditadura e a tragédia de Bolsonaro – tragédia tecida com a forte colaboração dos petistas, como demonstra Maestri – a burguesia brasileira jamais deixou de ser expressão e partícipe de nossa inserção na economia mundial como fonte de riqueza a ser acumulada nos países centrais.

Argumenta Maestri, com sólida argumentação, a continuidade essencial (as “rupturas” apenas deram lugar a uma nova forma da velha essência) de nossa trajetória: da Colônia ao Império, da República Velha a Getúlio, Jucelino e Jango, dos ditadores militares a Bolsonaro (passando por Sarney, Itamar, FHC, Lula e Dilma), um liame ata essa trajetória a uma monótona continuidade. Brevemente: a contínua adaptação econômica, social, política e ideológico às mutáveis demandas da reprodução do capital internacional, desde o século XVI até hoje. O que implica, inexoravelmente, na crescente exploração dos trabalhadores, na voraz e insensata conversão em capital dos recursos naturais e na sempre presente truculência sobre os escravos, camponeses e depois sobre os trabalhadores e operários – truculência que é o simétrico do servilismo para com o imperialismo. O mesmo PT que envia tropas ao Haiti para cooperar com a *pax americana* é aquele que faz a legislação repressiva mais dura desde a Ditadura! Nenhuma contradição: apenas a complementariedade entre a subserviência aos grandes e a truculência para com os “de baixo”!

FHC apenas aprofundou Collor. O período petista aprofundou FHC (as privatizações, a reforma da previdência, a retirada dos direitos dos trabalhadores, a proteção ao núcleo mais reacionário das Forças Armadas, a concentração da riqueza, da propriedade da terra, a privatização da saúde, da educação, da infraestrutura de energia, transportes e assim por diante). O que fez Bolsonaro senão continuar esta caminhada? Nossa essência enquanto país tem sido, até aqui, uma monótona continuidade.

Do texto de Maestri brota com força tanto a impossibilidade histórica (econômica, da luta de classes, das ideologias etc.) de um Estado de Bem-estar no país (delírios de alguns nem sempre bem intencionados petistas, psolistas etc.), tanto a impossibilidade de um capitalismo no país que não seja “dependente” (como deliram alguns saudosos da teoria da dependência, de FHC a Rui Mauro Marini), quanto a constatação que nosso problema nem é o subdesenvolvimento, nem é nosso caráter “colonial-dependente”. Nosso problema é nossa essência capitalista. Sem superarmos esta essência, clama o texto, o futuro será ainda pior que o presente.

Não há lugar a dúvidas: pensar o Brasil não é mais possível sem que nos debruçemos sobre este texto com atenção e cuidado.

Num empreendimento deste vulto, ainda mais em um momento histórico como o que vivemos (contrarrevolucionário, como bem assinala Maestri) impossível que não surjam algumas questões e ponderações. Apontaria quatro que, talvez, possam ser significativas.

A primeira é caracterizar como golpe o *impeachment* de Dilma. Maestri argui com riqueza de exemplos e profundas análises que entre o passado e o petismo, tanto o de Lula quanto o de Dilma, o que predomina é a continuidade do aprofundamento do neoliberalismo em decorrência da decadência econômica do capital e do imperialismo. Argumenta que a essência do petismo é ser um partido burguês com base popular, fenômeno que já conhecemos no passado (Getúlio, etc.) Demonstra a ausência de rupturas, apenas a continuidade, entre Temer e Dilma: a Presidenta declarava em alto e bom som sua ilimitada disposição de servir ao capital naquilo que os “grandes” desejassem. Contudo, ao insistir em ser golpe o *impeachment*, nosso autor tem que descobrir contradições entre Dilma e Temer que, diria eu, não possuem o peso que Maestri lhes confere. Que o processo de *impeachment* foi pleno de ilegalidades (inclusive ao não cassar os direitos políticos de Dilma, como requer a lei), nada mais verdadeiro. Contudo, não foram também recheados de ilegalidades e inconstitucionalidades os processos movidos pelos petistas contra as lideranças dos protestos de 2013?

O que nos conduz à segunda ponderação: a desconsideração do peso do estamento político-burocrático no desenvolvimento do país, em especial após a Ditadura. O estamento é a personificação do capital. A partir da posse de postos no Estado, seus integrantes se apropriam de uma parcela do capital produzido pelos operários. A corrupção é um “mecanismo” importante, mas não o único, dessa apropriação. Abre-se, assim, uma disputa entre o “capital social total” e o estamento político-burocrático ao redor do montante da riqueza produzida que será permitida ser apropriada pelo ocupantes do Estado. Aqui, nesta disputa, possivelmente está a razão do *impeachment* e da ascensão e queda da Lava-Jato. Ao desconsiderar esse conflito, diria eu, Maestri foi forçado a superestimar as disputas entre o capital interno e o externo e a subestimar o

peso político dos conflitos entre as personificações do capital. Daqui, talvez, brote sua visão do *impeachment* como um golpe.

A terceira ponderação se refere à tese da “recolonização” do Brasil devido à diminuição do peso dos produtos industrializados em relação aos bens primários na pauta de exportação. “Recolonização” sugere uma reversão de rumo: nos descolonizávamos e, agora, nos recolonizamos. O que ocorre, nos parece, ao invés de uma inversão de curso, é antes uma direta continuidade: o rendimento do capital se amplia em nosso país pelo crescimento do setor de serviços, pelo desenvolvimento da exportação de *commodities* e pela transferência de parte significativa da produção industrial para a Ásia e para algumas regiões não industrializadas do Brasil. Temos, em verdade, um avanço, uma continuidade e, não, uma reversão em relação ao passado: não há nenhuma inversão de rota, apenas continuamos a nos adaptar aos novos tempos do capital.

A quarta observação se refere ao pequeno papel que nosso autor atribui à ação político-ideológica da aristocracia operária, cujo peso em relação ao restante da classe tende a aumentar devido à “desindustrialização”, para sermos breves. Com a possível – não há dados conclusivos – diminuição numérica da classe operária e com a sua – certa, inquestionável – desconcentração pelo país afora, a “pressão à esquerda pela base” sobre a burocracia sindical e política praticamente desapareceu. Força Sindical, PT e CUT se tornaram uma coisa só. Desde modo, consolidou-se a base social para o crescente aburguesamento dos petistas, psolistas, cutistas e caterva. Ignorada esta base social, é como se o aburguesamento dessas forças sindicais e políticas fosse um fenômeno puramente ideológico, sem uma base social que explique porque predominou no movimento dos trabalhadores a concepção de mundo reacionária, petista, com o escanteio dos revolucionários com o passar dos anos. Alternando o necessário, o mesmo para com o MST, MTST, etc.

Desnecessário assinalar que tais observações não tiram nenhum dos méritos e da importância do livro de Maestri. Será um enorme desperdício de história se essa geração que chega à militância revolucionária nos nossos dias não converter este texto em seu livro de cabeceira.

Bravo, Maestri!